

PELE

Texto curatorial, por Marina Bortoluzzi

Na tradição da Kabbalah, tecnologia mística milenar, a narrativa da criação revela que, no princípio, Eva e Adão eram seres revestidos de “Ohr Haganuz”: vestes de luz ou o estado natural do esplendor espiritual. Sem forma definida, sua pele era transparente, composta de energia vital manifestada. Após o “pecado original”, Gênesis 3:21 afirmou: “E fez o Senhor Deus túnicas de pele e os vestiu”. Deus lhes moldou em um corpo, com “Kotnot ‘Or”: vestimentas de pele. Em hebraico, a palavra pele (עור, or) acentua essa particularidade: dependendo da grafia, pode significar tanto invólucro quanto luz, apresentando uma correspondência secreta entre corpo e espírito. Derivada de peh-leh, traduz-se como algo maravilhoso, extraordinário, milagroso. Na terminologia cabalística, “ki yafli” pode também referir-se à fonte, à porta da luz infinita, ao espelho do Criador ou ao Kether, o nível mais alto da consciência.

A artista visual Diana Motta, que também tem formação como astróloga, e é aficionada por assuntos metafísicos e espirituais, como o budismo, o taoísmo e a filosofia, dedica-se há mais de 17 anos ao estudo da Kabbalah: uma sabedoria profunda, não dogmática, que até pouco tempo era apenas compartilhada com homens, acima dos 40 anos. Dentro desse conhecimento, registrado em compêndios aramaicos como o Zohar, a Kabbalah ensina, aos iniciados, que dez emanções, chamadas de Sefirot, estruturam a humanidade no diagrama simbólico da Árvore da Vida. Em um ciclo contínuo, a parte inferior apresenta Malkuth, a esfera mais terrena da existência, ou o Reino, enquanto o topo representa Kether, a coroa, passando no percurso da evolução por outros estágios, como Chochma, Bina, Daat, Chessed, Guevura, Tipheret, Netzach e Yesod, este último entendido como o fundamento que conecta nossa energia espiritual com o mundo físico.

O processo artístico de Diana acompanha o fluxo do propósito da Kabbalah: esvaziar-se, despindo-se do ego, para ser recipiente de luz, instrumento visceral a serviço do nosso Eu Superior ou de emissários espirituais, como um depósito das bênçãos divinas. Sua batalha constante é a de confiar no mistério, ceder e retomar o controle, permitindo que a magia adentre nessa entrega. A artista considera a pintura abstrata como uma prática que favorece a expressão da compreensão cósmica, através do seu corpo. Ela se afasta da lógica racional e dá margem para que o inusitado aconteça, com gestos de intenção, mas sem a obrigação de fazer sentido. Assim, a pintura se revela.

Em uma metodologia similar à da artista sueca Hilma af Klint e próxima à da alemã, radicada nos Estados Unidos, Agnes Pelton, Diana entende-se como um veículo desta canalização subliminar, absorvendo uma experiência metafísica. Suas pinturas são produzidas em camadas que se cruzam, assim como suas leituras de mapas astrais, nas quais percebe a sobreposição atemporal dos aspectos da vida. Muitas vezes, sem o bloqueio da autocritica e do julgamento, ela realiza desenhos automáticos mediúnicos, em pastel seco e oleoso sobre o papel, como na série “Anthropophagic Metamorphosis”.

Outra técnica que utiliza é a do soak-stain (mancha por imersão), eternizada pela artista do Expressionismo Abstrato, a americana Helen Frankenthaler, em que Diana derrama a tinta a óleo sobre a tela deitada, permitindo que penetre nas fibras do tecido, como na obra “Birth Of The Moon”. Mas essa fluidez e suavidade líquida, lembrando uma aquarela, aparece de modo mais evidente na série “Deep Thought”, onde a artista brasileira combina bordado e caseína, técnica ancestral, datada do Antigo Egito, que aprendeu em seus mais de oito anos de vivência nos Estados Unidos. A caseína consiste no uso da proteína do leite como aglutinante para os confere uma textura aquosa e aveludada, emergindo um efeito de flutuação e luminescência. Em “Cisne”, Diana acrescenta ainda o arquétipo do pássaro mágico, que na mitologia hindu, está associado à Sarasvati, a deusa da arte, bem como a Brahma, deus criador do universo, símbolo da polaridade, da metamorfose e da transmutação.

Sua abstração espiritual — termo cunhado na minha pesquisa de mestrado — é pontuada por esses simbolismos etéreos, formas de pureza que configuram estruturas amórficas e orgânicas, elaboradas a partir do processo, da presença e da frequência a que são submetidas. Aqui também se desvela a pele da pintura. A “carne” ou materialidade pictórica transmite, como postula Wassily Kandinsky em “Do Espiritual na Arte”, a necessidade interior da artista. A epiderme translúcida de suas obras pode ser interpretada como a interface entre o tangível e o invisível, metáfora do véu sutil entre o corpo físico e o mundo espiritual. No entanto, para Diana, não interessa essa separação: ela não nega o corpo, tampouco o prazer. Para a artista, assim como na visão cabalística, corpo e alma estão entrelaçados e caminham em sinergia. As 14 obras produzidas entre 2023 e 2024, expostas neste espaço e pela primeira vez no Brasil, envolvem também intensa libido e sensualidade, em consonância com a espiritualidade.

A transcendência não consiste em eliminar a matéria. Diana Motta nos lembra sobre a possibilidade de sermos criadoras e criadores das vestes que habitamos, tornando-nos mais conscientes e confortáveis na nossa própria pele. A pele é o receptáculo da centelha divina, fragmento da luz infinita inserida em cada um de nós. E a arte vai além do caráter de película: é portal de conexão, canal por onde presenciamos esse milagre.

Marina Bortoluzzi

Curadora da mostra

Mestre em Estética e História pela USP/São Paulo